

NO CÔNCAVO DA MÃO MORTA

José D'Assunção Barros*

No côncavo da mão morta

Havia uma chave

Não sei para que castelos

Para que porta, oh Deus Entranhas

Tal chave, tão triste chave

Um dia foi forjada?

Havia uma chave ...

não como uma pedra

no meio do caminho

Mas no côncavo da mão morta

E essa mão

tão morta

cujo corpo era seu mero apêndice

ao mesmo tempo oferecia

e segurava a chave

O gesto, embora pálido

Era quase de desespero

Parecia dizer, nos entretidos

Pega esta chave,
Se és digno dela
e cuida do seu metal
como se fosse um cristal
precioso e frágil

Antes do mais
colhe-a como a uma fruta
já mais do que madura
e a recebe
entre teus próprios dedos

A chave, no côncavo da mão morta,

parecia dizer-me assim:

“Leva-me a meu destino

que por isso nasci”

E a mão côncava

acrescentava:

“Leva-a, que somente por isso

insisto em me entreabrir”

* Historiador, Escritor, Músico e Professor Associado na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) e Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Doutor em História pela UFF. Autor de 35 livros na área de História e Ciências Humanas, entre os quais *Seis Desafios para a Historiografia no Novo Milênio* (2019), *Interdisciplinaridade* (2019), *Fontes Históricas: uma introdução aos seus usos historiográficos* (2019) e *O Uso dos Conceitos: uma abordagem interdisciplinar* (2021). Na área de Literatura, publicou o livro de contos *O Averso do Pau-de-Arara*. E-mail: joseassun57@gmail.com